



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s

Sumários.org

Faculdade Santo Agostinho
revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 1, art. 12, p. 203-217, jan./fev. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.1.12>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung

Zeitschriftendatenbank

MIAR

Diadorim

Casa Anísio Teixeira: história, memória e encantos

Casa Anísio Teixeira: history, memory and charms

Ricardo Oliveira de Freitas

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor da Universidade do Estado da Bahia

E-mail: ricofrei@gmail.com

Thiago Martins Prado

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia

Professor da Universidade do Estado da Bahia

E-mail: minotico@yahoo.com.br

Denise Marques Carneiro Neves

Mestranda em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia

Professora da Universidade do Estado da Bahia

E-mail: denisemcneves2014@gmail.com

Endereço: Ricardo Oliveira de Freitas
Rua Ismael de Barros, 176, ap. 2403, Rio
Vermelho, Salvador-Bahia, Brasil, CEP: 41950-460

Endereço: Thiago Martins Prado
Rua João Durval, 523, Edf. Rio Real, ap 1104,
Pernambués, Salvador-Bahia, Brasil, CEP: 41100-075

Endereço: Denise Marques Carneiro Neves
Rua Artesão João da Prata, 154, ap. 901-A, Itaigara,
Salvador-Bahia, Brasil, CEP: 41815-210

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 27/09/2017. Última versão
recebida em 18/10/2017. Aprovado em 19/10/2017.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo reconhece que as casas fascinam, como elementos que propiciam narrativas e, com o auxílio de objetos que as constituem, contextualizam a história e a memória. Considera a Casa Anísio Teixeira, instituição localizada no município de Caetité-Bahia, como lugar de encantamento, porque é constituída de memórias individuais e coletivas. Registra que a Casa vem ressignificando seu passado e, principalmente, seu presente, por meio de ações culturais constituídas de memórias individuais e coletivas. Como espaço que fomenta a formação de agentes culturais, bem como o desenvolvimento da leitura, em uma perspectiva de inclusão social, a Casa Anísio Teixeira encanta seus colaboradores, visitantes e o público beneficiário de suas ações. Na Casa, a leitura ganha uma concepção abrangente de ação que amplia a percepção do sujeito para atuar no presente, reportando-se ao passado cultural e histórico. Assim, descreve-se a Casa Anísio Teixeira e parte da sua história e memória, enfatizando-se a importância dos testemunhos, rastros e evidências que contribuem para transformar essa instituição em lugar de encantamento. Nas considerações finais, reconhece-se que a Casa busca desenvolver práticas culturais de leitura, o que não destoa das concepções do ilustre educador baiano, além de valorizar as memórias individuais e as coletivas nas suas diversas atividades, evitando cultuar apenas o passado, apenas a memória de Anísio Teixeira.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História. Encantamento. Casa Anísio Teixeira.

ABSTRACT

This article recognizes that houses fascinate as narrative elements and, with the help of objects that constitute them, contextualize history and memory. Consider Casa Anísio Teixeira, an institution located in the municipality of Caetité-Bahia, as a place of enchantment, because it is made up of individual and collective memories. It records that the House has been re-signifying its past, and especially its present, through cultural actions constituted of individual and collective memories. As an area that fosters the formation of cultural agents, as well as the development of reading, in a perspective of social inclusion, Casa Anísio Teixeira enchants its collaborators, visitors and the beneficiary public of its actions. In the House, reading gains a comprehensive conception of action that broadens the subject's perception to act in the present, referring to the cultural and historical past. Thus, Casa Anísio Teixeira and part of its history and memory are described, emphasizing the importance of the testimonies, traces and evidences that contribute to transform this institution as a place of enchantment. In the final considerations, it is recognized that the Casa seeks to develop cultural practices of reading, which does not deviate from the conceptions of the illustrious Bahian educator, in addition to valuing individual and collective memories in their various activities, avoiding worshipping only the past, memory of Anísio Teixeira.

Key words: Memory. History. Enchantment. Casa Anísio Teixeira.

1 INTRODUÇÃO

São fascinantes as histórias que se contam a respeito de residências em geral. Todas parecem guardar, nos espaços mínimos ou amplos, lembranças e experiências de pessoas que ali viveram e motivaram as presenças, as visitas, esporádicas ou não, de outras pessoas. Há quem afirme que algumas casas ficam esquecidas, porque desapareceram fisicamente, ou porque precisam de intervenções da construção civil, devido a certo estado de degradação ou ainda porque não são mais visitadas, utilizadas por quem lá viveu, pois passaram a ser propriedade de outros. Mesmo considerando tais adversidades ou distanciamentos, elas não são totalmente esquecidas.

Seja para atestar um período vivido, seja para enriquecer narrativas, ainda que poucas, as casas são tomadas como elementos que tornam reais e significativas as experiências e narrativas a elas relacionadas; representam o ambiente que favoreceu diálogos ou não; foram palco de conflitos e problemas, ou deram abrigo e aconchego material, espiritual ou emocional; representam o espaço que proporcionou o desenvolvimento de práticas culturais, habilidades pessoais e coletivas, jeitos de ser e de estar em outros espaços. Uma casa representa, principalmente, um espaço de formação do ser humano, com finalidades diversas, incluindo preparação e revigoramento para outras jornadas.

Sob o ponto de vista individual, uma casa torna-se valorizada e importante por razões e motivações diversas: por ter uma aura de porto seguro, por ser ambiente de experiências marcantes, singulares, por representar modernidade ou uma fase significativa do passado, reunindo gostos, rotinas e costumes já superados ou não. Por mais que se queira e haja esforço, não é possível fazer o tempo retroceder e trazer de volta sentimentos, emoções, vivências tais quais permanecem nas memórias de cada um.

Neste artigo, esses aspectos e outros relacionados serão abordados como elementos constitutivos da história e da memória de um lugar. De certa forma, a memória individual caracteriza-se pelas reminiscências voluntárias e involuntárias que afloram naturalmente ou por estímulo, sobretudo quando se depara com objetos, móveis, fotos ou até mesmo a própria casa sendo explorada ou visitada. Aqui se considera a memória individual como lembranças afloradas sob o ponto de vista da pessoa, lembranças relacionadas à personalidade ou à vida pessoal do indivíduo (HALBWACHS, 2003, p. 71).

Transformada em museu, centro de cultura ou afins, uma casa torna-se visível à apreciação alheia e à rememoração¹ daqueles que possuem algum vínculo com ela, embora promova atos de comemoração² de datas. Passa, então, a configurar ambientação de outras práticas, mas jamais as mesmas, ainda que envolvam rotinas e organização pautadas por tradição. As pessoas e o tempo não são os mesmos, portanto a cultura muda. Ao discutir sobre o novo historicismo enquanto tendência caracterizada como práticas teóricas e interpretativas que busquem recuperar circunstâncias históricas, relacionando-as com as dos sujeitos na atualidade, Greenblatt (1991, p. 251) afirma:

Os museus funcionam, em parte por seu projeto e em parte a despeito deles próprios, como monumentos à fragilidade das culturas, à queda das instituições sustentadoras e das casas nobres, ao colapso de rituais, ao esvaziamento de mitos, aos efeitos destrutivos da incúria das guerras e à dúvida corrosiva.

Preservar uma casa implica preservar alguns costumes e tradições. Gagnebin (2009, p. 97) argumenta que estudar a memória é uma tarefa ética, não apenas a delimitação de um objeto de estudo. É certo que saberes, objetos, sujeitos não são eternos. Evoluem, transformam-se, desaparecem fisicamente, mas podem surgir nas lembranças e narrativas na forma de representação, que provém da consciência do indivíduo, mantendo relação com as coisas. É importante considerar que forças pressionam e ocasionam mudanças nos espaços, mas há também a resistência dos costumes locais, o que leva ao entendimento de que os espaços se transformam no curso da história (HALBWACHS, 2003, p. 162).

Para discutir conceitos de memória e história, aqui se faz uso de aporte teórico a partir de autores como Hosbsbawn (2013), Gagnebin (2009) e Halbwachs (2003); baseia-se em Greenblatt (1991), para falar em ressonância e encantamento de um lugar; também dialoga com Horellou-Lafarge (2010), ao tratar de concepções e modalidades de práticas culturais de leitura, pois estas constituem o principal objetivo da Casa Anísio Teixeira, instituição localizada em Caetité-Bahia, considerada neste artigo como lugar de encantamento.

¹ Gagnebin (2009, p. 55) contrapõe comemoração, comumente associada a atos religiosos e celebrações de Estado, ao conceito de rememoração, caracterizando-a como “ressurgências do passado no presente”. A rememoração permite, assim, que o indivíduo não se esqueça do passado, possibilitando que este aja no presente.

² Comemorar significa, muitas vezes, o ato de repetir o estabelecido, o que foi classificado de maneira a atender interesses que se repetem a cada período, por isso celebrações comemorativas são marcadas pela fidelidade ao passado, por um discurso de memória enquanto dever. Não implicam, portanto, a transformação do presente (GAGNEBIN, 2009, p. 54-55).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Casa Anísio Teixeira: Presente e Passado Resignificados

A Casa Anísio Teixeira é exemplo típico do tipo de residência que condensa traços que dão base para suscitar encantamento dos que a visitam, a partir de todo um ambiente no qual o visitante se insere, formado por história, tradições, costumes, móveis, utensílios e casos, verídicos ou não, que os levam a viver, pela imaginação retroativa, um tempo passado há mais de um século. Especificamente a Casa, ao realçar a figura do filho mais ilustre que lá nasceu, o qual se projetou nacionalmente como grande educador, desperta também, até por suas realizações recentes, a importância da educação pública como promotora da democracia, cerne do pensamento anisiano. A história da Casa e o papel do seu patrono na educação brasileira são as bases que conduzem o visitante a esse reencontro encantado com o passado distante.

Sobrado colonial construído na primeira década do século XIX, a Casa Anísio Teixeira localiza-se na Praça da Catedral da cidade de Caetité-BA. Casa natal de Anísio Teixeira, pertenceu ao Dr. Deocleciano Pires Teixeira, seu pai, que a adquiriu, em 1885, de Manoel José Gonçalves Fraga, com todo o mobiliário, que subsiste, em parte, até hoje.

Em Caetité, essa casa é conhecida desde muito tempo como “O Sobrado”. Nela, o Dr. Deocleciano viveu 45 anos, até sua morte em 1930. Tendo sido proeminente chefe político, a certa altura considerado “o governador do sertão”, pode-se calcular quanto de história passou-se nas dependências do Sobrado. Casado sucessivamente com três irmãs Spínola, teve o Doutor Deocleciano dezenove filhos, catorze dos quais depois que passou a morar no Sobrado. Seu 16º filho, aí nascido, foi Anísio Teixeira.

Com a morte de Deocleciano, o Sobrado passa a ser a residência de sua filha Celsina Teixeira Ladeia até 1979, ano de seu falecimento. Desde então, por quase vinte anos, o Sobrado ficou desocupado e fechado, sob a guarda de Ieda Teixeira de Castro Neves, bisneta de Deocleciano. Fechado por tempo prolongado, o Sobrado foi paulatinamente se deteriorando. A certa altura, ante a ameaça de desabamento que poderia ocorrer frente às fortes chuvas do sertão, Ieda e Haroldo Borges Rodrigues Lima, outro bisneto de Deocleciano, mandaram erguer uma grande plataforma que cobria toda a casa, protegendo-a das chuvas.

O Sobrado foi recuperado e restaurado pelo Governo da Bahia, em projeto executado pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, e inaugurada em fevereiro de 1998. Rev. FSA, Teresina PI, v. 15, n. 1, art. 12, p. 203-217, jan./fev. 2018 www4.fsnet.com.br/revista



No seu conjunto arquitetônico, passaram a funcionar um Centro de Memória, uma Biblioteca Pública, um Cineteatro, uma Sala de Cultura Digital, um Conservatório de Música, além de outros espaços que desenvolvem atividades culturais de leitura.

As práticas culturais de leitura na Casa suscitam diferentes reflexões acerca da produção, recepção, mediação e socialização dos textos. São várias as condições e os contextos que definem a formação do leitor. Cada um pode estabelecer a melhor (ou pior) relação com os textos depende do que dialoga consigo e com os outros; depende das ressignificações que consegue atribuir ao que leu e dos resultados. Para Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 125),

As maneiras de ler dependem das condições da leitura, dos momentos e do tempo que lhe são concedidos, do papel simbólico que lhe é atribuído. Aparentemente, as modalidades da leitura são tanto unificadas – generalizou-se a leitura como prática individual, particular, que se efetua quase sempre no silêncio – quanto diversificadas, devido à variedade dos textos, às múltiplas situações de leitura, às experiências anteriores de leitura que cada um tem.

Como as referidas autoras defendem, há uma marca de sociabilidade na leitura, visto que pressupõe trocas. Por ter sido emprestado, dado, sugerido, comentado por outra pessoa, o livro inicia uma comunicação, uma interação com o outro e com o meio, porque “leitura é uma fonte de diálogos, de discussões; leitura e diálogo se nutrem e reforçam – a não ser que revelem e ressaltem um desacordo, uma antinomia, uma incompatibilidade – a ligação existente entre as pessoas em causa” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 126).

Para a autora, associada a imagens, ao áudio, a prática de leitura se consolida em mais uma modalidade, a coletiva. De fato, sem substituir as práticas individuais, a televisão e a internet estimulam pessoas a socializar opiniões e informações; a definirem gostos e argumentos, deixando-se conduzir e ao mesmo tempo conduzindo suas escolhas.

A leitura oral e coletiva e a leitura silenciosa e individual são, assim, escolhas e adaptações a uma situação. A forma de viver, o lugar, as companhias, os objetivos pessoais e profissionais, as necessidades, tudo contribui para a definição das práticas e modalidades de leitura.

Percebe-se que a representação da Casa Anísio Teixeira passa pelo reconhecimento de que ela desenvolve diferentes práticas de leitura e por abrigar memórias individuais e coletivas de um passado que virou história de outrora e de um passado recente que

ressignificou sua existência e continua na perspectiva de compreender a vida social do presente e rememorar o passado.

Discorrendo sobre o sentido do passado, Hobsbawm (2013, p. 29) reconhece que o domínio dele não implica uma imagem de imobilidade social; mesmo tradicional, uma sociedade não é estática e imutável. As mudanças e as inovações podem ocorrer em qualquer meio e necessariamente não espelham experiências anteriores. De fato, voltar no tempo não restabelece o passado, nem mesmo isso se configura como um anseio das novas sociedades. Pode-se falar em saudade, nostalgia, vontade de constituir o presente com marcas do passado, seja na forma de conhecimento, hábitos, valores, principalmente na perspectiva de constituir o presente a partir das contribuições de diferentes épocas, dada a sua importância, significado e utilidade.

Tratando da restauração de edifícios, por exemplo, Eric Hobsbawm (2013, p. 30-31) considera-a um meio de restabelecer o passado, o que não se verifica quando se pretende restaurar certos comportamentos, como os que dizem respeito à velha moralidade e à liberdade. Diferentes são os aspectos selecionados para as tentativas de restauração, que pode ser efetiva ou simbólica. Para ele, certas ações que pretendiam ser restaurações são verdadeiramente “inovações que usam ou pretendem usar elementos de um passado real ou imaginário” (HOBSBAWM, 2013, p. 33).

O autor afirma que a rejeição ao passado surge quando uma inovação é considerada como algo inevitável ou socialmente desejável. O valor da investigação histórica sobre “o que de fato aconteceu” para a solução desse ou daquele problema específico do presente e do futuro é inquestionável, e tem dado novo alento a algumas atividades históricas um tanto antiquadas, desde que essas sejam associadas a problemas bem modernos.

Após a restauração da Casa Anísio Teixeira, o foco das atividades lá desenvolvidas sempre foi a leitura, considerada como conjunto de ações que visem ao domínio de outros conhecimentos intelectuais, emocionais e sociais, a partir do desenvolvimento de habilidades como observação, decifração, reflexão, associação, interpretação, representação e crítica. A instituição sempre estimulou e acolheu propostas e ações de leitura, compreendendo que, assim, estaria contribuindo para o desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas, além de democratizar o saber, à luz do pensamento anisiano.

3 ANALISES E DISCUSSÕES

3.1 História e Memória: Narrativas, Testemunhos, Evidências

Ao discorrer sobre memória coletiva e espaço, Halbwachs (2003, p. 157-158) reflete que:

Nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto. Se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis.

Halbwachs (2003) considera os indivíduos insuficientes para se confirmar ou recordar uma lembrança, considerada como “um acontecimento distante no tempo” (p. 55). Indivíduos estão ligados a diversos ambientes; distanciam-se e outras vezes aproximam-se das pessoas e do espaço em que aconteceu o que motiva a recordação. A lembrança muitas vezes se dispersa entre os muitos ambientes, sujeitando-se às influências do meio social. Ele lembra como “É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo” (HALBWACHS, 2003, p. 64), o que pode gerar uma percepção de maior força da memória individual. Para esse autor, a lembrança, no entanto, constitui-se do emaranhado formado pelos muitos pensamentos coletivos. Halbwachs reconhece a existência de memórias individuais e memórias coletivas; elas interpenetram-se. Estas contêm aquelas, mas não se confundem com elas.

Assim sendo, é oportuno refletir que essa interpenetração de memórias cria um ambiente favorável aos registros históricos, permitindo, inclusive, que sejam recontados e alimentados com outras percepções e ocorrências. Para Halbwachs (2003, p. 86),

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente em grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência.

Jeanne Marie Gagnebin (2009) afirma que a história se apodera do passado para entender e dar respostas no presente. Defende que os fatos são enxergados por meio do

discurso. Assim, como o historiador possui uma identidade e pertence a um grupo, é válido dizer que a história que ele conta traz marcas e impressões pessoais. Apresenta evidência³, testemunho⁴, mas também o rastro⁵.

Na Casa Anísio Teixeira, é grande o acervo de documentos manuscritos, de cartas enviadas e recebidas pelos seus moradores que, ao lado de objetos e mobiliário, e também de decorações antigas de paredes restauradas, contribui para repor a presença de seu passado. Testemunhos e registros dos que lá viveram evidenciam-se não só em textos epistolares, como em móveis, roupas, objetos pessoais e fatos narrados, contribuindo para que os visitantes se apropriem da história da família Teixeira, considerada influente e importante para o desenvolvimento da sociedade local e regional. Um registro de desdobramento ainda pendente é o que se refere a um grosso livro de anotações anterior ao Dr. Deocleciano.

O livro em pauta foi iniciado por Antônio José Teixeira, pai de Deocleciano e outros. Durante anos, o Antônio José Teixeira registrou no referido livro todos os casamentos, nascimentos ou mortes havidas entre seus familiares. Deocleciano, quando morre seu pai, registra seu falecimento e escreve que continuará a feitura do livro, o que de fato aconteceu. Os registros são acompanhados de informações relativas aos fatos mencionados. Dos casamentos, noticiavam-se, por exemplo, os nomes dos cônjuges, suas famílias, eventuais cargos ocupados pelos parentes e os dotes entregues aos nubentes.

Quando faleceu Deocleciano Teixeira, sua filha Celsina Teixeira Ladeia relata o enterro e declara que continuará a confecção do livro. Todos os parentes que tinham filhos ou se casavam enviavam os dados para a D. Celsina, que os registrava, seguindo os modelos do pai e avô.

Quando Haroldo Lima, já referido bisneto de Deocleciano e filho de Caetité, esteve como preso político no Presídio do Barro Branco, em São Paulo, escreveu a sua tia Celsina, em 1978, uma carta solicitando cópia do livro para estudos que desenvolvia no presídio com outros presos políticos. Para sua surpresa recebeu o original do livro, em plena cadeia. Depois da anistia de 1979, o livro foi devolvido por Haroldo a dona Celsina. Com o falecimento

³ Evidência é aquilo que comprova a narrativa, o fato. Hobsbawm (2013, p. 371) considera as evidências como fatos verificáveis, os quais fundamentais no ato de escrever história.

⁴ Faz-se necessário tomar a elucidação de Gagnebin (2009, p. 57) para se compreender o conceito de testemunha: não só aquele que viu com os próprios olhos, mas também aquele que ouviu a narração de outra pessoa, passando a refletir sobre o passado e podendo “ousar esboçar uma outra história”.

⁵ É importante considerar o rastro à luz do pensamento de Gagnebin (2009, p. 113): “quem deixa rastros não o faz com intenção de transmissão ou significação”, portanto há que se considerar rastro não só a escrita, como também qualquer marca fruto do acaso, da negligência ou mesmo da violência, visto que pode ser definido como presença ausente, ou seja, aquilo que não se pode comprovar, inclusive por ter sido apagado, mas existiu.

desta, o livro foi levado para o Rio de Janeiro, estando em mãos de uma bisneta de Deocleciano, subsistindo a ideia de o mesmo voltar à Casa.

Entre as memórias que não se escolhem, mas que se reavivam diante de lugares, atos ou objetos, ou mesmo um gesto, é válido ressaltar os relatos acerca de aromas e sabores típicos das cozinhas da Casa, além dos movimentados eventos religiosos favorecidos pela capela interna da residência, incluindo a hospitalidade oferecida a bispos e outros representantes da igreja. Registre-se, ainda, a cadeira de balanço que deu assento a quem comandava conversas e narrativas de negócios e da vida cotidiana, a saber, o velho Deocleciano e, posteriormente, sua filha Celsina, última herdeira a habitar a Casa.

Entre outras lembranças do passado, há aquelas que se escolhem e as que surgem no pensamento, sem que tenham sido retomadas ou direcionadas por algum motivo. Sejam festividades realizadas na Casa, ou ainda os almoços e jantares diante da grande mesa que lá ainda se encontra na sala de refeições. Essas, certamente, são lembranças que podem, ou não trazer felicidade, prazer, e podem representar o que se pretende fazer durar por muito tempo e, por isso, normalmente, são cultivadas, são comentadas, tratadas para não sucumbir ao esquecimento. Por outro lado, há que se considerar que, em caso de lembrança de valor negativo, pode possibilitar ao indivíduo a compreensão da própria história, a percepção dos fatores que levaram a determinada condição de vida, entre tantos outros pensamentos e discussões.

A sociedade há muito vem demonstrando ser propensa a preservar a memória relativa a grupos, costumes e indivíduos considerados importantes para o surgimento, desenvolvimento e existência de um lugar, de uma cultura. São muitas as defesas para que certas representações não sejam esquecidas, o que torna a vida humana sempre associada ao passado, nunca desprovida deste, daí porque a história ganha importância, visto que tem a função de explicar o presente, ou mesmo responder ao presente, apoderando-se do passado.

Halbwachs (2003, p. 160) afirma que a memória coletiva muda diante de acontecimentos que trazem consigo mudanças nas relações do grupo com o lugar. Isso é perceptível à medida que observamos a interrelação que se estabelece entre os indivíduos mais velhos e os mais novos concomitantemente, e entre os que conviveram em um dado espaço e momento, e outros que aparecem de outro espaço e em outro tempo, inclusive com intenções e valores diferentes.

Os encantos da Casa são despertados ainda que no seu exterior. Narrativas do hoje e do passado salientam a vontade e a curiosidade do passante e observador. O que o motiva? Certamente a suposição de que ali só é possível reviver o passado em pensamento mas,

curiosamente, existe um presente traduzido em ações e experiências que envolvem e encantam diversos e diferentes sujeitos; as pessoas mais simples e as consideradas da elite cultural, todas com igual oportunidade de acesso ao que a Casa Anísio Teixeira oferece: práticas de leitura em cada canto, práticas de leitura formatadas, testadas, desenvolvidas e transformadoras que convidam indivíduos a narrar histórias, em um exercício de encantamento e de acolhimento.

3.2 Olhares de Encantamento

O que atrai e fixa o olhar de alguém ao conhecer ou visitar uma casa que possui uma aura de passado? Cômodos, objetos, arquitetura, tudo parece prender a atenção, compondo intensamente a percepção de que ali experiências foram vividas, histórias que podem ser retomadas ou reconstituídas. Surge o desejo de saber rotinas, funções e costumes da casa. O observador atento não apenas vê o que ali está contido; pensa e sente e por vezes é até capaz de se sentir arrebatado com o que está apreciando. Assim, se caracterizam os olhares de encantamento do visitante da Casa Anísio Teixeira. Mesmo sabendo que ela não mais abriga a rotina e o movimento da família de Anísio Teixeira e que foi arrumada com o que sobrou após a passagem de muitos outros familiares, o observador ainda se encanta, ao se deparar com o berço que acolheu o educador ilustre, por exemplo. Registre-se que as famílias tinham o costume de utilizar o mesmo berço para todos os filhos, netos e sobrinhos que nascessem na mesma casa, diferente dos dias atuais em que a cada filho que nasce, a família em boas condições financeiras monta um novo quarto. Chama a atenção também a escrivaninha e a cama que pertenceram ao menino Anísio, segundo narrativas que se ouvem durante visita à Casa.

Convém observar expectativas relativas à propriedade dessa Casa. Até se referem à Casa *de* Anísio Teixeira. Para muitos, ela foi propriedade de Anísio Teixeira, por isso é comum observar pessoas supondo e imaginando encontrar marcas e sinais diversos da sua estada e/ou permanência nessa moradia. Algumas até demonstram surpresa e estranhamento, que se transformam em encantamento, ao constatar que a Casa Anísio Teixeira contextualiza como vivia a família de Anísio e expõe, por meio de cartazes, placas, vídeos e práticas de leitura, algumas ideias e sonhos do educador baiano.

Às vezes, conhecer um lugar não é suficiente para despertar o encantamento de imediato. Muitos aspectos passam despercebidos, logo ganha importância a conversa de quem alerta e seduz para a observação do lugar. Nas casas abertas à visitação em geral, isso é

facilmente verificável. Objetos e lugares vistos às pressas ou mesmo desprovidos de narrativas que os melhores contextualizem na casa não recebem o valor e importância devidos de imediato. É como se não fosse possível despertar, sozinhos, a atenção; não evidenciam as experiências que proporcionaram. Como Greenblatt (1991, p. 255-256) salienta, alguns traços e características funcionam como ressonância⁶ e, então, atraem a percepção que leva ao encantamento.

O olhar pode dizer-se encantado quando o ato de atenção fecha um círculo ao redor de si mesmo, do qual, com exceção do objeto, tudo fica excluído, quando sua intensidade bloqueia todas as imagens circundantes, silencia todas as vozes murmurantes. Para sua garantia, talvez o espectador tenha comprado um catálogo, lido uma inscrição na parede, ligado o cassete. No momento de encantamento, porém, todo esse aparato simplesmente para de funcionar.

Por isso os olhares de encantamento desenvolvem-se e expressam-se a cada objeto e/ou cômodo conhecido; a cada ação que se torna conhecida: na contação, leitura e teatralização de histórias, nas aulas e apresentações dos aprendizes de música, nas oficinas, entre outras. A narração que se ouve do funcionário, quando se visita a Casa, envolve a atenção do visitante, ao tempo em que ele próprio, no seu esforço de teatralizar ou contar histórias, age e fala, deixando transparecer que gosta do que faz ali, compreendendo a importância de seu trabalho na Casa Anísio Teixeira. Acompanhando os visitantes, repetindo e associando informações e contextos, em uma clara tentativa de satisfazer curiosidades, o funcionário tenta despertar o interesse e o prazer de estar na Casa Anísio Teixeira. A seu modo, de acordo com suas escolhas, quem adentra a Casa também percebe e deixa-se envolver pelo mudo diálogo que se estabelece: como tudo aquilo funcionava no passado, que valores, rotinas e ideias circulavam ali; que importância esse passado tem para o presente, o que comunica, o que desperta entre os indivíduos que só conhecem a Casa a partir da restauração em 1998, e entre os indivíduos ainda vivos que trabalharam, residiram ou lá se hospedaram enquanto era morada da família Teixeira. Cada olhar, certamente, revela encantamento na importância e duração da experiência que teve.

Na percepção dos vestígios do passado, principalmente pela precariedade do objeto, Greenblatt argumenta sobre o conceito de ressonância, que tem a função de exibir vozes, de evocar as forças culturais e dinâmicas das quais o objeto emergiu.

⁶ Greenblatt (1991, p. 250) esclarece bem o que aqui se considera ressonância: “o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocarem quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu”; a ressonância traduz a percepção da precariedade do objeto.

Entre os momentos mais ressonantes estão aqueles em que objetos supostamente contextuais assumem vida própria, produzem um apelo que rivaliza com o do objeto formalmente privilegiado. Uma mesa, uma cadeira, um mapa, muitas vezes aparentemente colocados apenas para compor uma decoração ambiental para uma grande obra, tornam-se singularmente expressivos e significantes, não como “pano de fundo”, mas como práticas representacionais em si mesmas instigadoras. (GREENBLATT, 1991, p. 252).

Vale observar o quão se torna relevante, na Casa Anísio Teixeira, a preservação dos objetos e móveis, além do espaço físico que os abriga, mesmo que dispostos à luz do olhar inovador de quem passou a orientar a organização do lugar. É certo que cada sujeito pode atribuir sentidos ao que vê e ouve, conforme sua experiência e conhecimento histórico, o que não altera muito as representações pretendidas e cultivadas pela Casa. As evidências e as ressonâncias somam-se constituindo a história e a memória do lugar, misturando-se às leituras que o sujeito faz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a Casa Anísio Teixeira contribui para que Caetité e região atuem no presente, transformando-o culturalmente, ressignificando as ações e marcas do passado. É uma casa que atrai os olhares de quem adentra a cidade, dada sua localização, suscitando, assim, desejos de conhecê-la.

Ao refletir sobre significados e horrores de Auschwitz, durante o período nazista alemão, Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 100-101) fala da importância de se lutar contra o esquecimento. Lembra que Nietzsche admitiu um esquecer natural, considerado necessário à vida, e nesse viés se percebe que o ser humano não consegue guardar na memória tudo que experimentou. Por outro lado, registra que “existem outras formas de esquecimento, duvidosas: não saber, saber, mas não querer saber, fazer de conta que não se sabe, denegar, recalcar” (GAGNEBIN, 2009, p. 101). Passa, então, a defender que se lute contra o esquecimento, a fim de que o passado nazista não se repita. Não propõe lembrar o passado por lembrar, mas a consciência dos fatos, a certeza de que as experiências e narrativas não foram inventadas. Essa é uma boa proposição, pois remete à concepção do quão é importante apoiar-se no passado para ressignificar o presente.

É oportuno observar que algumas ações levam ao esquecimento, como o ato de ignorar o que o passado representa (no caso específico de Auschwitz), seja por medo, vergonha ou mesmo vontade de fazer desaparecer o que não faz mais parte do presente.

Gagnebin afirma a importância de lembrar o passado, o que não significa cultuá-lo; prefere, portanto, falar em rememoração e não em comemoração ou celebração. É oportuno dizer que o ato de esclarecer está relacionado ao ato consciente e racional de observar e compreender o presente mediante análise de acontecimentos passados, sabendo, inclusive, que o passado não se repetirá. De outro modo, é necessário articular o passado com as urgências do nosso tempo presente.

Em se tratando das culturas que hoje a Casa Anísio Teixeira representa, bem como suas ações de fomento à leitura e consequente preparação de sujeitos, observa-se que ela vai ganhando espaço e ampliando sua história, principalmente porque vem contribuindo para o desenvolvimento de habilidades artísticas, para a formação de agentes de cultura, para o entendimento atual de como é participar de políticas culturais. Essa situação leva a crer que a Casa atua forte na compreensão de educação como vida digna e inclusiva, pois ela não trabalha tão somente no sentido de resgatar o passado da família Teixeira nem da cidade de Caetité; não vive de celebrações, embora realize algumas. A Casa encanta porque se traduz como lugar de história e de memórias, abrindo suas portas e ações para quem se interesse por manter vivas algumas práticas culturais: conservar lembranças, cultivar e reconhecer o valor da memória, desenvolvendo no presente ações que não permitem o esquecimento.

A principal preocupação da Casa Anísio Teixeira não é o resgate do passado, mas o desenvolvimento de práticas culturais de leitura, a partir da memória da própria ação educacional de Anísio. Isso tem produzido resultados satisfatórios no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades artísticas diversas: música, contação de histórias, teatralização de histórias, dança, leitura de histórias, artesanato, entre outras. As ações da Casa não destoam da concepção de Anísio Teixeira sobre a educação, o que pressupõe respeito às suas principais ações em defesa de suas convicções, uma celebração do seu pensamento, não um culto a sua pessoa.

Como o presente e o futuro são marcados por incertezas, apesar do desejo e até mesmo de ações humanas no sentido de prever ou montar um modelo de futuro, é fundamental reconhecer a memória coletiva como meio para que os indivíduos permaneçam em um tempo real, haja vista sua função de entrelaçamento das memórias individuais. Assim, concretizam-se os encantos pessoais e a história.

REFERÊNCIAS

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. 2ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GREENBLATT, S. **O novo historicismo: ressonância e encantamento**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HORELLOU-LAFARGE, C; SEGRÉ, M. As modalidades da leitura. In: _____ . **Sociologia da Leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

FREITAS, R. O.; PRADO, T. M.; NEVES, D. M. C. Casa Anísio Teixeira: história, memória e encantos. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.1, art. 12, p. 203-217, jan./fev. 2018.

Contribuição dos Autores	R. O. Freitas	T. M. Prado	D. M. C. Neves
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X